

Nietzsche e a Educação

*José Fernandes Weber**Samuel Mendonça**Vagner da Silva*

Editores do dossiê Nietzsche e a Educação

O dossiê *Nietzsche e a Educação* foi pensado com o propósito de apresentar contribuições para as áreas de educação e filosofia a partir de escritos de Friedrich Nietzsche. Para organizá-lo foram convidados pesquisadores que defenderam teses de doutoramento na Unicamp sobre temas que envolveram o pensador alemão: José Fernandes Weber (UEL), Samuel Mendonça (PUC Campinas) e Vagner da Silva (UNIR).

Os editores esforçaram-se em apresentar ao público textos inéditos sobre a temática, com contribuições de pesquisadores de cursos de graduação e programas de pós-graduação em educação e em filosofia, do Brasil, e também pesquisadores do Uruguai (Universidade da República do Uruguai - UDELAR) e do México (Universidade Nacional Autónoma do México - UNAM). O resultado significa uma importante contribuição sobre o pensamento de Nietzsche para o campo educacional e filosófico.

No artigo de Ana M. Valle e Marco A. Jiménez, *Bartleby educador, reflexiones sobre el nihilismo*, temos uma discussão sobre o niilismo como a capacidade para o negativo, negatividade representada e analisada na realidade literária do personagem Bartleby, da novela de Herman Melville *Bartleby, o escrevente*. A estratégia argumentativa é a de que ao dizer “prefiro não”, Bartleby bloqueia o querer dos outros sobre si, fugindo à obediência externa para entregar-se a uma obediência de si. Por fim se discute o papel

da educação como força capaz de conduzir da obediência do outro à obediência de si.

O texto seguinte, de autoria de Andrea Díaz Genis, *El genio y lo genuino que hay en nosotros, vivencia del pensamiento educativo en F. Nietzsche*, concentra-se prioritariamente nos textos da juventude de Nietzsche, em especial *Schopenhauer como educador* para afirmar que a genialidade para Nietzsche não se estrutura em modelos prontos, havendo possibilidades distintas e individuais para a genialidade. Tais possibilidades se arraigam na ideia de atendimento a um chamado íntimo de cada um, o que a autora nomeia como vocação, todavia a descoberta deste chamado íntimo não se dá pelos mesmos caminhos do autoconhecimento pensado em sentido socrático, pois a percepção da vocação está associada ao si mesmo, e não ao eu.

Já no texto de Vagner da Silva encontramos uma interpretação diversificada do pensamento de Nietzsche, na qual o autor busca elementos para compreender o pensamento do filósofo alemão em toda a sua obra, mais especialmente nas obras do período intermediário e final, se distanciando das obras da juventude. Silva empreende uma análise do conceito de pulsão em Nietzsche para afirmar que para o filósofo, a educação consiste num processo de transformação dos arranjos pulsionais que constituem o que cada indivíduo é mais intimamente.

Em seu artigo *Educação (Bildung) enquanto verniz: crítica ao Estado e psicofisiologia*, Wilson Antonio Frezzatti Jr. apresenta as diferentes perspectivas de compreensão da tese nietzscheana segundo a qual a formação (*Bildung*) é um verniz, uma camada superficial que recobre o homem. Num primeiro momento, reconstitui as críticas de Nietzsche à falsa formação, aquela atrelada

ao Estado, cujo resultado é a padronização, a criação do rebanho; num segundo momento, aborda a impossibilidade de se modificar o indivíduo por meio da formação, tese que, segundo o autor, deve-se às leituras feitas por Nietzsche da psicologia, da fisiologia e da biologia do século XIX, especialmente, dos escritos de Théodule Ribot.

Em *O homem como uma somatória unitária de Erlebnisse (vivências) em Nietzsche*, Jorge Luiz Viesenteiner apresenta a hipótese de compreensão do homem enquanto uma somatória de vivências (*Erlebnisse*). O autor contrasta a crítica de Nietzsche ao homem enquanto animal de rebanho à fórmula positiva de que o homem é “o animal ainda não determinado”, e que, por essa razão, o homem pode receber inúmeras formas, contudo, sem quaisquer determinações *a priori* de caráter conceitual, como por exemplo, a intencionalidade. Se o homem deve ser compreendido como uma somatória unitária de vivências (*Erlebnisse*), a sua tarefa consistirá no contínuo exercício de construir ou formar a si mesmo.

A crítica ao eruditismo no jovem Nietzsche, título do artigo de Felipe Luiz Gomes Figueira e de José Fernandes Weber, busca apreender o significado e o alcance da crítica ao eruditismo no jovem Nietzsche. Para tanto, aponta para a importância de Schopenhauer enquanto figura modelar para pensar criticamente a barbárie da cultura e da formação, caracterizadas tanto pela máxima ampliação quanto pela redução da cultura, além de apresentar a caracterização do tipo erudito. Com isso, os autores buscam mostrar também as razões pelas quais uma educação erudita impede o aparecimento e a efetivação de um tipo superior, singular, de homem e de cultura.

O manuscrito de Rogério Miranda de Almeida, *A Cultura, o Estado e a Educação nos "escritos trágicos" de Nietzsche*, evidencia as ponderações de Nietzsche contra a civilização contemporânea e, particularmente, contra a civilização alemã das últimas décadas do século XIX. Segundo o autor, o filósofo mira principalmente os chamados filisteus da cultura, a ciência e a diversidade de suas especializações, a imprensa e a ingerência do Estado prussiano na educação e na cultura do povo alemão. Ao mesmo tempo, Nietzsche coteja constantemente a civilização alemã, que ele vê como decadente, e a cultura helênica da antiguidade clássica, que ele exalta e, para alguns, coloca como um ideal de civilização e sabedoria. O autor ainda examina o papel do filósofo e do Estado nas suas relações com a educação.

Já o artigo de Samuel Mendonça, *Educação como crítica de si: a trajetória de Friedrich Nietzsche*, apresenta a trajetória de Friedrich Nietzsche e coloca em relevo seu sofrimento como marca de uma concepção de educação que diz respeito à crítica de si. A experiência do sofrimento parece indicar a experiência do além do homem (*Übermensch*), da mesma forma que é por meio da vontade de potência (*Der Wille zur Macht*) que as contradições da vida são revaloradas. Para o autor, pensar Nietzsche e a educação reivindica a análise da dimensão individual, dado que esse pensador viveu além de seu tempo e, por esta razão, sua concepção de educação é, igualmente, intempestiva. Conclui, com Nietzsche, que a vida é vontade de potência e nada além disso.

Encerrando o conjunto de artigos que compõem este dossiê, Lúcia Schneider apresenta um instigante artigo mostrando a importância da disciplina de Filosofia da Educação nos cursos

superiores de licenciatura. Para a autora, a Filosofia da Educação poderá auxiliar os alunos na escolha de seus itinerários acadêmicos, pessoais e profissionais, a compreender que tais itinerários são escolhas e não verdades absolutas. A arte trágica na concepção nietzscheana ganha relevo no artigo por se mostrar como a força capaz de rivalizar com a verdade, sempre tentadora por sua segurança, mas ao mesmo tempo perigosa por encerrar o mundo em perspectivas limitadas.

Desejamos, com este número, que o leitor possa perceber, aproveitar e desfrutar das diversas demandas de investigação a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche em relação ao pensamento educacional.